

FH explica governo com filosofia

Presidente afirma em aula inaugural que ambigüidade é necessária na política e recorre a Weber para diferenciar ação da reflexão

Brasília — Josemar Gonçalves

FABIANO LANA

BRASÍLIA — O presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem, durante aula inaugural do curso de pós-graduação em ciência da reabilitação, do Hospital Sarah Kubitschek, que no mundo político é necessária uma certa ambigüidade e até mesmo a omissão dos objetivos que se pretende atingir. Segundo o presidente, é impossível agir baseado nos mesmos valores cultuados na academia, onde é necessário explicitar o que se quer e os mecanismos para se alcançar os objetivos. Fernando Henrique voltou a criticar aqueles que fazem oposição ao seu governo, dizendo que não estariam compreendendo a estratégia de longo prazo do governo.

“Em política, quem proclama o que quer, perde. Em certos momentos, o homem de Estado não deve dizer tudo o que sabe, sob pena de prejudicar o Estado, a nação e o povo”, disse o presidente, a uma platéia de mais de 200 pessoas, reagindo veladamente às críticas feitas ao seu governo.

No auditório, personagens ilustres como o ministro da Saúde, José Serra, o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), o líder do governo na Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), e o diretor do Hospital Sarah Kubitschek, Aloísio Campos da Paz, assistiram atentamente à volta do presidente ao magistério, lembrando seus tempos de professor na Universidade de São Paulo e na Universidade de Sorbonne. “Eu gostaria imensamente de falar por mais tempo, embora possa não ter nenhum interesse para vocês o que estou dizendo”, afirmou Fernando Henrique.

Citações — Num discurso pontuado por citações a Karl Mannheim, Merleau-Ponty, Michel Foucault, Karl Marx, Max Weber e Leon Trotski, dentre outros filósofos, Fernando Henrique diferenciou a “ética para a ação” e a “ética para a reflexão”, com o objetivo de explicar a sua conduta como governante. O tempo foi explorado na obra de um de seus principais gurus intelectuais, o sociólogo alemão Max Weber, e Fernando Henrique o utilizou para afirmar que a ação de um político frente ao governo precisa passar por caminhos tortuosos para conseguir chegar a um objetivo final, ou seja, deve seguir uma “ética de ação, mas com responsabilidade”.

“Isto significa que, na ética da política, ambigüidade e mentira são



O presidente Fernando Henrique procurou explicar sua conduta como governante diferenciando a “ética para a reflexão” da “ética para a ação”

partes constitutivas? Não. A ambigüidade, talvez; a mentira, não”, disse Fernando Henrique. “Numa ética de reflexão, não se pode pedir ao profeta que se preocupe com o modo de se chegar aos resultados. Pelo contrário, estarão o tempo todo apaixonados pelos objetivos, insistindo em valores absolutos. Não é essa a posição do homem prático, do político, do homem de governo, nem mesmo a de estadista.”

Tempo — O presidente lembrou que é preciso refletir sobre as consequências das alianças políticas, de forma a beneficiar toda a nação. “O político não deve estar, a cada instante, no púlpito, proclamando a verdade, mas conseguir avançar o processo na direção, nos objetivos que propõe”, disse. Segundo o presidente, o tempo vai medir as consequências

das ações dos políticos que souberam aplicar a ética da responsabilidade, em vez de se apegar com fervor a apenas uma verdade.

De acordo com o presidente, o poder é exercido com mais felicidade por aqueles que não têm conhecimento. Tais pessoas, entretanto, não teriam capacidade de ação. “A dificuldade de quem tem conhecimento e poder é que ele tem, simultaneamente, convicções e uma ética de responsabilidade, do ponto de vista do exercício da política. Para uns, isto é uma tormenta; para os que têm força interior e capacidade intelectual é um desafio.”

Voltando ao século XIX e ao início deste, o presidente explicou que certas aplicações sem limite da ética de ação e da reflexão levaram até mesmo ao extermínio de povos e a

assassinatos em massa, citando o nazismo. “Alguns daqueles homens que tinham dado a sua vida inteira a uma transformação de seu país perceberam que alguns de seus atos tiveram consequências que não haviam sido pensadas por eles”, afirmou. “A convicção era tão forte que colocar as pessoas em campos de concentração parecia apenas ser um instrumento da realização da felicidade no decorrer da História.”

Fernando Henrique lembrou que, do ponto de vista do senso comum, o presidente é acusado de atos que não praticou. Nesse caso, ele seria responsabilizado por tomar decisões que criaram as possibilidades para outras pessoas cometerem atos ilícitos ou malsucedidos. “É claro que, na luta política, com muita freqüência se faz uma transposição indevida entre

essa responsabilidade com sentido filosófico para uma responsabilidade pessoal, como se fosse um deslize pessoal”, afirmou.

Críticos — Os críticos, segundo o presidente, não estariam compreendendo a estratégia de longo prazo do governo, de agir de acordo com a “ética da responsabilidade”, e se limitam a fazer cobranças sobre o dia-a-dia da administração. “Essa é a cobrança mais imediata, mais banal, a que mais apasiona e a que menos preocupa a quem tem noção das coisas. Ela não corresponde ao que se espera de quem exerce o poder, mas simplesmente deleita aqueles que não sabem, que não conhecem o processo histórico.”

Em uma parte do pronunciamento mais direcionada à platéia, formada por cientistas e profissionais de saú-

de, o presidente afirmou que a grande especialização do conhecimento esconde uma politização da ciência. “Quem não sabe não pode. E, muitas vezes, quem sabe pode tanto que se torna arriscado crer nesse saber sem controle. De alguma maneira, houve uma sacralização do saber, na medida em que os que sabem passaram a desenvolver uma linguagem esotérica. E o controle sobre esse poder ainda está muito longe”, disse.

Como exemplo de detentores de um poder sem controle, Fernando Henrique citou os responsáveis por transferências de capital entre os países. Para o presidente, todo conhecimento é uma forma de responsabilidade que deve ser, na medida do possível, tornada pública.

Deus — Pouco antes de terminar a aula inaugural, o presidente citou o líder comunista Leon Trótski, que dizia que Deus fala pela boca dos bons oradores. “O orador não tem consciência do que está dizendo no sentido da lógica. Naquele momento, capta, com uma emoção própria, o que está dizendo. Ele é endemoninhado, é sagrado, é divino. A criação não é um momento de transcendência, não é um momento de análise, não é um momento de reflexão. E esse algo diferente une a ciência, a política; une o saber ao poder”, discursou.

No fim da aula, Fernando Henrique afirmou que as descobertas da humanidade, sejam científicas, políticas, ou artísticas, não dependem exclusivamente do conhecimento do ser humano, mas de um salto de imaginação: “A imaginação é a verdadeira chave que leva à percepção e à mudança, que permite que se avance na política, na ciência, em qualquer dos campos. Aí não há regra e é preciso ter humildade. É irracional imaginar que, com regras predeterminadas, um conhecimento anterior do que vai acontecer e com muita análise, se vá conseguir dar o salto”, afirmou.

Tal salto de saber, segundo o presidente, precisa de conhecimentos, mas não há explicações: “Se a pessoa — mesmo na academia, e mesmo na academia e mesmo na política, tiver um conhecimento enorme, for capaz de reconhecer todas as relações entre o poder e o saber, tiver a melhor disposição — não for, em um certo momento, bafejada — pelos outros, às vezes, quem sabe, por Deus — por um raio que, de repente, lhe ocorre, não muda nada”, concluiu Fernando Henrique.